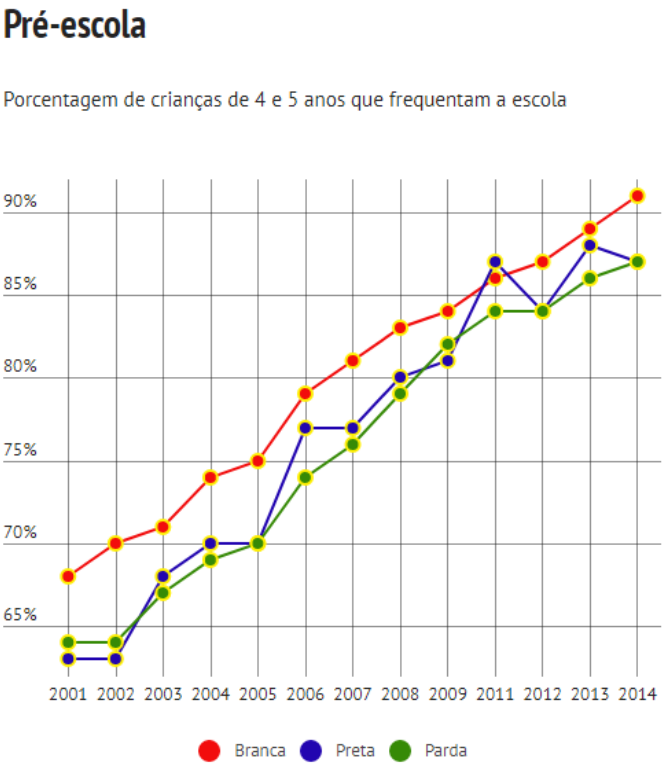
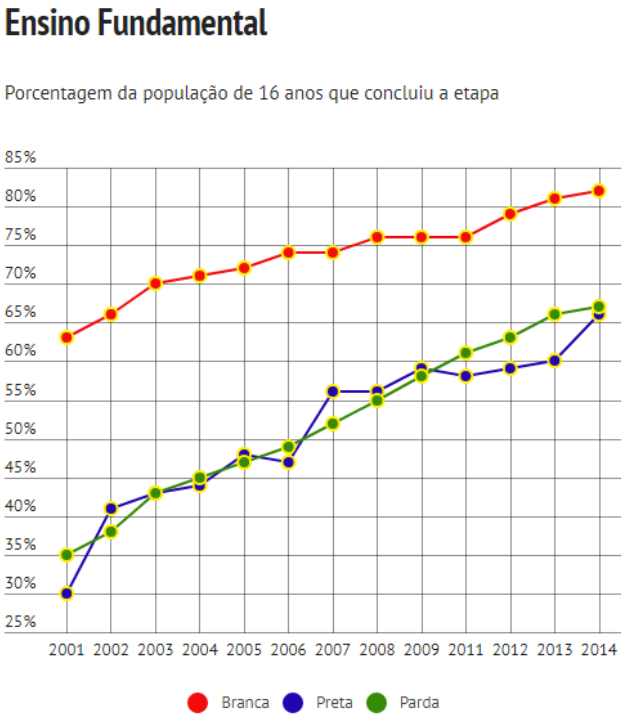
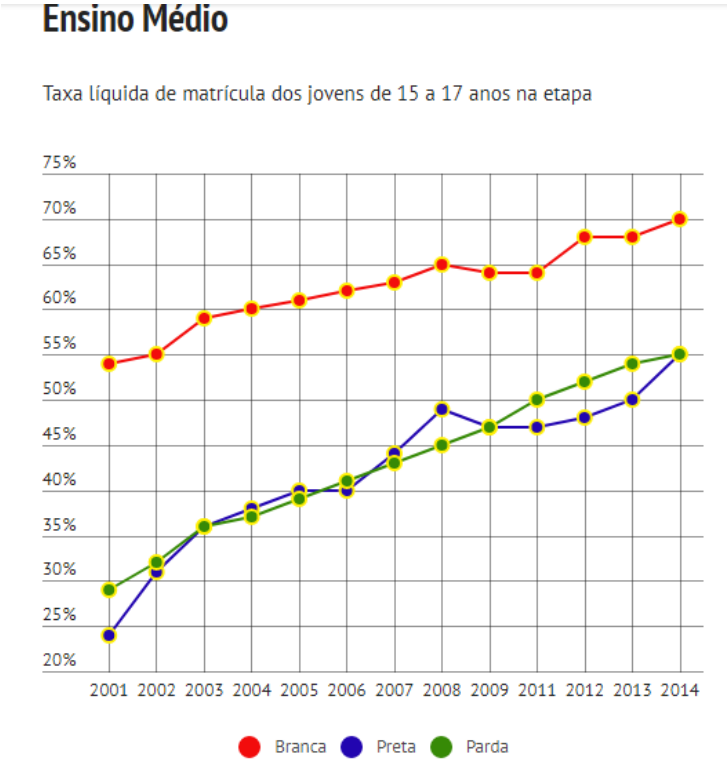
ANEXOS

ANEXO 1







Gráficos sobre frequentadores/concluintes do ensino básico no Brasil por cor/raça no ano de 2014, (IBGE/PNAD, 2014)

*materiais encontrados em reportagem do Estadão denominada "A desigualdade entre negros e brancos também está na Educação", de 24/11/2016. Para ler a reportagem na íntegra, acesse https://acesso.estadao.com.br/login/autenticar?provider=Facebook&r=http://educacao.estadao.com.br/blogs/de-olho-na-educacao/a-desigualdade-entre-negros-e-brancos-tambem-esta-na-educacao/#

ANEXO 2

Rio de Janeiro teve única escola exclusiva para negros no Brasil

A historiadora Adriana Maria Paulo da Silva pesquisou em seu mestrado sobre a única escola exclusiva para negros no Brasil

Pollianna Milan [20/08/2010] [21h14]

A única escola exclusiva para crianças pretas e pardas que existiu no Brasil funcionou na Rua da Alfândega, de 1853 a 1873, no Rio de Janeiro. Não há registros de outros colégios que privilegiaram o estudo dos negros no país. Diferentemente dos Estados Unidos, onde a população negra criou espaços próprios, aqui a exceção pode estar na escola de Pretextato dos Passos e Silva. Era em uma casinha pequena, teve cerca de 15 alunos de famílias de origem humilde: a maioria dos pais não tinha sobrenome ou assinatura própria. O nome dos alunos, até hoje, é um mistério, bem como o paradeiro deles. Tudo o que se sabe da escola termina por aí. A historiadora Adriana Maria Paulo da Silva, que estudou a existência desse colégio, gostaria de ter a chance de conhecer mais sobre Pre--textato, o que poderia responder a tantas indagações, mas até mesmo o nome deste homem é uma incógnita. “A origem da palavra Pretextato é de alguém que protesta. Ele poderia ter usado o nome com este objetivo”, diz Adriana, que é professora do departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Univer-sidade Federal de Pernambuco. Ela se deparou com a existência de Pretextato e de sua escola em documentos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro durante sua dissertação de mestrado.

As três maneiras de descobrir coisas sobre os habitantes do tempo do Império são a partir de inventários da época, de documentos de alguém que abriu um processo judicial ou foi processado. Quem não passava por um desses trâmites desapareceu na história – é a explicação que se tem para o nome das crianças negras e pardas. Pretextato abriu um processo solicitando ao então inspetor-geral da Instrução Primária e Secundária da Corte, Eusébio de Queirós, algumas concessões para a continuidade do funcionamento da escola. Ele pediu ainda a dispensa das provas de capacidade (um exame oral e escrito), que era uma exigência para o exercício do magistério. “Para escapar da prova, ele recorreu ao processo. E não conseguiu apenas a dispensa, mas a chance de continuar com a escola aberta”, explica Adriana. Pretextato deveria fazer os exames na frente do que seria hoje o então ministro da educação, porém, como era muito tímido, se defendeu dizendo que isso o impedia de fazer os testes.

Ele declarou nos documentos ser um homem preto. Não se sabe como Pretextato conseguiu ter formação educacional para ensinar os alunos, mas, no processo da escola, dois pais o defendiam dizendo que era um bom professor. No processo, Pretex-tato argumentou ainda que era importante a escola continuar funcionando porque havia muito racismo nas escolas da corte, nas quais os pretos e pardos eram impedidos de frequentar ou eram emocionalmente coagidos. Aliás, era proibido aos escravos frequentar a escola, apenas negros alforriados tinham essa prerrogativa e, mesmo assim, de difícil conquista. A silenciosa autorização de Eusébio, apesar deste cenário, é outra questão inexplicável sobre a existência e permanência da escola de negros do Rio.

O colégio funcionou até 1873, data em que Pretextato foi despejado da casa onde lecionava por dever dois meses de aluguel à Santa Casa de Misericórdia. “Há registros de que os pais pagavam uma mensalidade para a escola. Mas deveria ser um valor irrisório”, diz Adriana. Na escola, os alunos aprendiam o básico: ler, escrever, saber as quatro operações matemáticas e um pouco de religião.

Em Campinas, outras duas experiências

A ideia difundida de que no Império havia um bando de iletrados cai por terra somente com a presença da escola de Pretextato. Mas além dela, há outras escolas que de certa forma “burlaram” as regras de que escravos não poderiam ir para a aula e ajudaram os negros a chegar à alfabetização.

A antropóloga Irene Maria Ferreira Barbosa, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, estudou o caso de uma escola que ajudou negros em Campinas, além de ter esbarrado, durante as pesquisas, com o nome de um outro colégio que teve praticamente a mesma finalidade.

Perseverança era o nome da escola. Ela foi fundada por Antonio Cesarino e funcionou em Campinas de 1860 a 1876. A diferença da escola de Pretextato é que esta recebia alunas brancas durante a tarde (elas pagavam uma mensalidade ao conceituado professor Cesarino). Com o valor arrecadado dessas alunas, ele manteve a instituição e conseguiu ainda dar aulas para mulheres escravas e negras no período da noite. A escola ficava na Rua do Alecrim (atual Rua 14 de Dezembro). Cesarino não era o único professor, quando abriu a escola chamou suas irmãs para lecionar. “Era uma escola que se distinguia das outras do Império pelo seu nível. Se configura entre as escolas particulares que mais tiveram expressão na época”, afirma Irene.

Era um tipo de internato de meninas dirigido por Bernardina Cesarino e por suas irmãs que eram de Paracatu (MG). Em 1875 contava com 50 alunas, algumas pertencentes às melhores famílias da cidade que pagavam mensalidades altas. “As irmãs de Cesarino falavam muito bem francês e entendiam de etiqueta. Foi com o valor cobrado das mensalidades que Cesarino usou o colégio para angariar fundos para comprar também a liberdade de negras ligadas a ele”, explica Irene. Em 1872, Cesarino comprou a liberdade de uma senhora negra que prestava serviços à escola e, em 1874, disputou a custódia de uma criança negra que estava sendo maltratada. O colégio desapareceu em 1876 porque Cesarino teve problemas financeiros.

“A descoberta de escolas para negros em Campinas mostra um dos motivos que os levou [pelo menos alguns] até a elite de São Paulo, principalmente naquela época. Também existiram muitos negros escolarizados no século 19, por serem filhos de negras, contudo de pais brancos que fizeram questão de alfabetizá-los”, diz Irene.

Entre os brancos

A história de Antonio Cesarino está mais bem documentada que a de Pretextato. Ele era filho de um negro alforriado, de nome Cus--tódio, que entrou em Cam-pinas com uma tropa de mulas durante o período escravista, em 1838, e resolveu vender a tropa para que seu filho de 14 anos pudesse estudar. O filho era Antonio Cesarino – que já sabia ler e escrever. Ele leva certa vantagem na cidade que tinha 6,6 mil habitantes e apenas 205 alfabetizados. A duras penas Cesarino conseguiu frequentar a escola dos brancos e se formar.

Há ainda relatos em Campinas de um barão do café que era analfabeto e fundou uma escola para escolarizar quem quer que fosse, gratuitamente. Foi ali que algumas crianças negras também conseguiram ter acesso à educação.

ANEXO 3

ANNO I :: :: :: S. Paulo, 9 de Março de 1919 :: :: :: NUM. 8

ORGAM LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO

O ALFINETE

DEDICADO AOS HOMENS DE COR

Publica-se duas vezes por mez | COLLABORADORES DIVERSOS | *Director: A. OLIVEIRA*

Aos leitores

Digam o que quizerem, mas é uma verdade. estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de côr, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem ! E' lastimavel !..

Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em pról d'um idéal elevado, como seja : o combate ao Analphabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos, do que quando o Brazil era uma feitoria ; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem sómente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe. Vamos, meus amigos, um pouco de bôa vontade, porque «combater o Analphabetismo é dever de honra de todo do brazileiro».

Nós, homens de cór, conscientes dos nossos deveres, para com a nossa muito amada patria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a lêr para obterem um lugar digno no seio da sociedade brazileira.

O nosso modesto jornalzinho é uma pequena amostra da bôa vontade de alguns homens de côr, que tem por escopo unico, estimular o cultivo das bellas letras no nosso meio social.

Avante ! pois todo o nosso successo depende do apoio moral e material dos nossos dignos amigos e leitores.

Os Homens Pretos e a Evolução Social

Ha muitos pretos que afirmam a existencia de um pequeno preconceito em nossa terra!

Não é verdade, meus patricios de cor. Existem uns incurtos e invejosos que sempre procuram obstruir á ascenção de alguns dos nossos de cor, em beneficio dos seus candidatos Isso sempre acontece e tem de acontecer com todas as classes ou pessoas que procuram o bem estar para seus dias.

Para combater esses obstaculos, nós os pretos, precisamos mandar educar nossos filhos, dando-lhes uma educação conforme a nossa força; assim elles estarão preparados para tomar parte em qualquer cargo que dependa de exame ou concurso.

Auriverde, 29/04/1928

NEGROS, negros, ides para a escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabeticas para que possais, amanhã, tirar o melhor partido delas, para gloria do Brasil e de vossa raça oprimida, hoje, pelo preconceito de cor que os brancos dizem não existir no Brasil e entanto conservam as suas tradições, jogando o negro no ultimo plano do convicio social, sem lhe oferecer terreno nessa escalada civica do mundo atual.

Eles não vos oferece terreno, mas como tendes direito de agir, em face da liberdade das leis do pais, a vos pertence a ação para o vosso bem e a do vosso proximo.

A Voz da Raça, 03/02/1934

A MULHER MODERNA E A SUA EDUCAÇÃO

Longe vai o tempo em que a educação das moças podia restringir-se ás necessidades da vida domestica, no ensino da musica, piano, e canto, desenho, pintura e artes applicadas.

A vida activa dos nossos dias, mobilisando todos os seres capazes, não podia deixar de utilizar como elemento de primeira plana, a mulher válida, principalmente aquella que, pela instrucção, se tornou capaz para certos serviços como o homem.

Mau grado, porém, todos os ensinamentos da vida pratica, muitos paes existem ainda que não comprehendem as vantagens de uma educção moderna e, só por si, capaz de libertar suas filhas de uma situação de manifesta inferioridade moral e material.

Escrever á machina, hoje em dia, é coisa ao alcance de qualquer moça por mais pobre que seja, e entre os methodos mais perfeitos que se conhecem nenhum pela simplicidade e clareza sobrepujam o de Josephina Meinel, usado universalmente por todas as senhoras e moças que ciosas de sua liberdade, querem ganhar honradamente o seu pão.

O Clarim, 05/1935 (n.4)

S. Paulo, de 1928 — 23 de Junho

Progresso

ANNO 1 | Propietario: *Argentino C. Wanderley* Editor: *Lino Gaeta* | NUM. 1

Os homens pretos e a Instrucção

Vemos, todos os dias, pelas ruas da nossa capital, grande numero de meninos pretos em abandono.

A quem cabe a culpa por este triste estado de coisas?!..

A nos certamente.

Ja vamos para quatro decadas que somos livres filhos da terra de Santa Cruz, e, ainda não temos um rancho, ao menos, onde se ministre ás primeiras letras a nossos irmãos na côr!..

Que fazer? Vontade? Essa deusa, felizmente não nos falta, mas. . .

* . *

Haja visto os pretos norte-americanos, perseguidos pelo preconceito, luctam sem treguas pelo abc.

Não é bastante saber ler e escrever. É preciso mais. Um emprego definido. Um officio. Feliz do pae que conseguir dar um emprego a seu filho. Equivale a uma herança. «Officio é beneficio», vive na bocca do povo populacho.

* . *

É urgente uma reacção. Temos força de vontade, brio em demasia, mas, falece-nos coragem.

Surprindo a falta da escola que carecemos, ahi está o Juizo de Menores, preparando homens validos e capáz para o futuro. Abreviar o estafante serviço dessa autoridade, precisamos. Como?

Educando, de hoje em diante a medida de nossas forças, os nossos filhos. Se assim procedermos, jamais escapara de seus labios: «Sou um analphabeto, e culpados dessa minha dessidia foram meus paes».

Outro intuito estas linhas não têm, senão de apelar para os paes, de hoje que coloquem nas pequeninas mãos de seus rebentos a cartilha.

Horacio Cardia

Revista Senzala, 01/1948

Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro

AGUINALDO DE OLIVEIRA CAMARGO

Sabido é que desde a nossa formação histórica o povo brasileiro se constitui de três raças fundamentais: a branca, a negra e a indígena. Pela miscegenação dêsses grupos, somos considerados um povo mestiço e por essa razão, não é justo que em pleno século vinte, com a vitória dos princípios democráticos, ainda perdurem as restrições que elementos reacionários e com mentalidade nazi-fascista querem impingir ao nosso povo.

O problema do negro brasileiro é antes de mais nada um problema de educação, secundado pelo fator econômico. Qualquer indivíduo, até de pouca cultura sociológica, pode, facilmente, averiguar êsse fenômeno. Porém, o que se deve condenar é a reserva, a prevenção "a priori" que boa parte da nacionalidade ainda tem contra todo o elemento negro.

Se o afro-brasileiro ainda não atingiu o grau cultural da média do grupo branco, muitas causas influiram nesse estado de coisa. A primeira, a mais velha, provém ainda da Abolição de 1888.

Deram liberdade em massa para o povo negro de maneira contra-indicada. Concederam o direito de cidadão ao escravo que ainda não se havia aculturado e estava ainda num estado de servidão econômica. Isso se generalisou até nossos dias.

O negro, assim semi-analfabeto, vive jogado por aí, sem estímulo para nada. E os que conseguem alcançar algumas posições, o fazem à custa de muitos sacrifícios. O negro, para vencer socialmente, faz um esfôrço equivalente ao de cem brancos. E quando consegue certas regalias sociais, afasta-se dos seus irmãos negros. Luta sòzinho e nada quer com a sua raça.

Essa falta de união do elemento afro-brasileiro é a principal causa atualmente, do desprestígio geral do negro no seio da coletividade. Depois do 13 de maio, inaugurou-se entre os pardos, mulatos e mestiços, entre os afro-brasileiros, a mentalidade do "cada um prá si". Foi o mal. Todos os valores negros surgidos no passado brasileiro, no cenário literário, artístico e científico, fizeram a sua obra pessoal, sem ter ligação direta alguma com sua raça originária. E muitos dêles até se envergonhavam de serem tratados por mulatos ou por mestiços. E muitos houve que tinham até o recalque de serem negros... Sofriam do complexo de inferioridade, que a escola antropológica, chefiada por Gobineau, Lapuche e outros, sustentava, da inferioridade racial do negro. E até hoje nós temos dêsse tipos recalcados.

O elemento negro do Brasil de hoje, deve unir-se, imediatamente, no sentido psicológico, para acabar com os complexos e recalques, para atacar de frente o preconceito de côr e de raça que ainda perdura em nossa Pátria. Essa união entretanto, em nada vem ferir a unidade nacional. Ao fazer-se tal união, não se está fazendo racismo político, que já foi repudiado do consenso da nacionalidade em vários manifestos das sociedades culturais de nossa Pátria. E depois, seria verdadeira utopia pensar que com a União do afro-brasileiro se criará no Brasil o vírus do separatismo racial. Nossa família está tão entrosada, nossos costumes tão identificados e nossas tradições tão bem formadas, que sòmente os ignorantes, os mal intencionados, os nazi-fascistas, os burgueses retrógrados, e os eternos reacionários é que poderão pensar em tal visionismo sociológico.

Os negros precisam se unir para reivindicar de fato os direitos que desde há muito já nos são outorgados por lei. Pois é sabido que até hoje os negros são barrados na Escola Militar, na Escola Naval, na Aeronáutica, na carreira diplomática, em certos colégios, até de religiosos, o que é de se lastimar, dado o espírito anti-cristão de tais atitudes.

E o problema não é só de ordem cultural e econômica. É também de caráter social, pois se é verdade na sociedade, o acesso de grande parte do elemento negro, nós temos que enfrentar essa sociedade reacionária e anti-cristã, arrostando-lhe a sua lamentável falha democrática.

A Convenção Nacional do Negro Brasileiro que se realizou em dias de Novembro último, nesta Capital, foi apenas a reunião de intelectuais negros, mulatos, mestiços e brancos, do povo em geral, para traçar rumos sociais e políticos a todos aquêles que pretendem acabar com a hipocrisia social reinante e que procuram lutar para valorizar o negro brasileiro. O sentido político da Convenção não é de caráter partidário. A assembléia é composta de elementos de todos os partidos políticos atuais. Os rumos que deveremos tomar serão todos de feitio democrático e de contínua vigilância aos partidos.

Estaremos, individualmente, em todos os partidos. Mas estaremos fiscalizando a sua atitude em relação aos negros, mulatos e mestiços. Apresentaremos a todos êles nossas reivindicações mínimas e seremos as sentinelas dessas reivindicações.

Visamos fazer um teste com a nacionalidade. Queremos vêr, de fato, quais são os partidos, os homens, as sociedades e emprêsas que

ANEXO 4

A Escóla da F. N. B.

Alfabetizar, instruir, educar — que belo apostolado!...

A escola da F. N. B. que sob a direção do dr. F. Lucrecio, auxiliado pela sta. Celina Veiga, os quais vêm dedicando seus maiores esforços para educar e preparar as crianças — o elemento basico formador de uma nacionalidade vigorosa, fisica e moralmente — a criança de hoje, o homem de amanhã, as almas infantis assemelham-se á dos passaros, ao buscar as alturas; alacridade, vivesa, susto, chóques, para depois descreverem elegantes e graciosas curvas rasgando o ar com rumor e entusiasmo.

Eis porque a F. N. B. mantem as aulas noturnas: para instruir não só as crianças, mas como os adultos, os quais tendo as suas obrigações cotidianos, poderão freguentar as aulas [illegible], que são noturnas. Esta é mais uma gloria para F. N. B. em possuir em seu seio um departamento de combate ao analfabetismo.

A Voz da Raça, 28/04/1934

Escola da FNB: http://www.media.ceert.org.br/portal-3/img/noticias/originais/8278-frente-negra-brasileira-gestando-um-projeto-politico-para-o-brasil.jpg. Acesso:29/11/2017